O papel do(a) leitor(a) popular da Bíblia: uma reflexão a partir do critério interpretativo de Lc 10,26

Rita Maria Gomes[1]

Resumo

Toda leitura supõe um leitor que diante de um texto vai ao encontro desse texto com sua visão de mundo. Portanto, para que haja uma leitura popular da Bíblia há a exigência de um leitor popular dela. O objetivo desta comunicação é refletir sobre o papel desse leitor específico a partir do critério interpretativo dado pelo próprio texto bíblico em Lc 10,26. Para tanto, faremos primeiro uma análise mais exegética do texto para justificar o recorte. Em seguida, consideraremos as experiências de leitura popular a partir dos círculos de leitura bíblica e, por fim, voltaremos a atenção para os métodos de leitura que possibilitam uma identificação do(a) leitor(a) com o texto lido que gera um novo campo significativo. Pretendemos, como conclusão desse processo, a compreensão de que cada texto espera um leitor capaz de compreendê-lo, mas ao mesmo tempo prepara esse leitor para que seja capaz de lê-lo.

Palavras-chave: Intérprete. Novo Testamento. Evangelho de Lucas. Hermenêutica. Método de leitura bíblica.

Introdução

Iniciamos nossa exposição pelo objetivo, pois para cada texto existe a intencionalidade de um autor, seja ele real ou implícito, buscando um leitor, também real ou implícito que seja capaz de lê-lo no sentido profundo do termo, ou seja, capaz de compreendê-lo, de interpretá-lo. Assim, nossa intenção é mostrar que mesmo na leitura popular da Bíblia os métodos exegéticos se fazem presentes, ainda que não intencionalmente.

Para chegar a essa afirmação, vamos percorrer três passos: o estabelecimento do critério interpretativo da Escritura, a experiência de leitura popular da Bíblia nos Círculos Bíblicos e a presença de métodos de análise exegética na leitura popular da Bíblia.

[1] Doutora em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE. Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: *rita.gomes@unicap.br*

O primeiro desses passos é, portanto, estabelecer, via texto bíblico, o que chamamos de critério de interpretação dado pela própria Escritura em Lc 10,26. Com isso, buscamos acentuar que o autor do Evangelho de Lucas intencionalmente chama a atenção dos seus ouvintes/leitores para a interpretação do texto ao colocar na boca de Jesus as questões "Que está escrito na Lei? Como lês?". O segundo, muito claro visa à consideração da experiência mesma de leitura popular; o terceiro e último, pontuar quais elementos dos métodos de exegese se fazem presentes na leitura popular.

1 O critério interpretativo presente em Lc 10,25-28[2]

Lucas é o único evangelista a registrar em seu texto um indício do caráter hermenêutico da Sagrada Escritura. O trecho de Lc 10,25-28 desemboca em dois outros: o conhecido trecho da parábola do bom samaritano (Lc 10,29-37) e o texto de Marta e Maria (Lc 10,38-42). Com isso, sabemos que esses textos têm uma íntima relação. O que justifica nosso recorte, ainda que muitos estudiosos unam os vv. 25-28 com os vv. 29-37, é o fato de que aqui temos uma unidade que pode ser lida independentemente do que se segue. Aqui se encontra a orientação para ganhar a vida eterna.

O recorte pode ser justificado pela mudança de temática em relação à perícope anterior e quanto à posterior e a intenção de nossa reflexão. Pelo rigor exegético, esses versículos não se separariam do texto posterior, pois não se verifica mudança de personagens, nem de tempo e tampouco de lugar que são os indícios literários mais confiáveis na hora de delimitar uma perícope (MARGUERAT; BOURQUIN, 2000, p. 54-55). Em relação à perícope anterior, o recorte é mais claro, pois, além da mudança de temática, verifica-se mudança de personagens. Essa parece ter sido também a compreensão de Fitzmyer, pois em seu comentário faz o mesmo recorte que nós, embora não justifique essa delimitação (FITZMYER, 1986, p. 132). Desse modo, dependendo do interesse do leitor, o recorte se faz ou não.

Os vv. 25-28 apresentam a pergunta sobre a vida eterna como uma espécie

[2] Todas as referências ao texto sagrado neste artigo são tiradas da tradução da CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (Org.), **Bíblia Sagrada**, São Paulo; Aparecida; Petrópolis: Ave Maria; Loyola; Salesiana; Paulus; Paulinas; Santuário; Vozes, 2001.

de teste do doutor da lei para com Jesus; nos vv. 29-37 o autor sagrado desenvolve a primeira parte da resposta do doutor da lei à contra pergunta (BOVON, 2002) de Jesus[3] (a parábola do samaritano) e nos vv. 38-42 se atesta o desenvolvimento da segunda parte da resposta do doutor da lei à questão posta por Jesus. Isso significa que temos um conjunto narrativo maior que o compreendido, em geral, como o texto do "bom samaritano".

Assim, ou consideramos os vv. 25-28 como uma perícope introdutória aos outros dois trechos, possibilitando o tratamento de ambos como perícopes independentes ou consideramos uma única perícope com três momentos. Pois, a parábola do samaritano corresponde à segunda parte da resposta que tem como fonte a citação de Lv 19,18 que trata do amor ao próximo e o relato de Marta e Maria corresponde à primeira parte da resposta que está baseada na citação de Dt 6,5, ou seja, a parte mais conhecida do *shemah.*

Esse esclarecimento anterior visa à justificação da consideração de apenas a primeira parte do trecho no qual aparece o critério de interpretação do texto sagrado. Portanto, do ponto de vista do rigor metodológico da análise exegética, talvez o elemento da mudança de temática seja considerado um argumento insuficiente para justificar o recorte (MARGUERAT; BOURQUIN, 2000, p. 55), no entanto, em vista da intenção desta reflexão e pelas considerações apontadas quanto ao todo do texto, podemos considerar somente os primeiros versículos conscientes de que eles são apenas a primeira parte de uma discussão mais ampla de Jesus com o doutor da lei.

Uma vez delimitada nossa perícope, podemos voltar nosso olhar para o próprio texto. Esse é um texto curto, mas rico em detalhes para a análise exegética, a começar por sua relação com o texto anterior. Lucas conclui a perícope precedente com o louvor de Jesus ao pai por ter escondido "essas coisas" aos sábios e entendidos e revelado aos pequeninos (cf. Lc 10,21) e na sequência traz um macarismo[4] onde Jesus, falando aos discípulos, diz: "felizes os olhos que veem o

[3] Essa percepção do desenvolvimento do texto lucano em pergunta e contra pergunta é apresentada pelo autor ao refletir sobre o texto da parábola do bom samaritano. Ele considera o texto como iniciando no v. 25 e se encerrando no v. 37. Para mais detalhes conferir BOVON, François, **El evangelio según San Lucas:** Lc 9,51-14,35, Salamanca: Sígueme, 2002, p. 111.

[4] O termo vem do grego μακάριος que significa afortunado, bem-aventurado, ditoso, feliz etc. Assim, as fórmulas que iniciam com "feliz és" ou "felizes sois vós" são chamadas de macarismos.

que estais vendo" (Lc 10,23). Os discípulos são claramente identificados, aqui, com os pequeninos a quem "essas coisas" foram reveladas. Agora, Lucas passa a considerar os sábios e entendidos pela narrativa da pergunta capciosa do sábio e entendido "doutor da lei".

O texto de Lucas está organizado de modo a termos duas perguntas e duas respostas respectivamente. Isso não é usual quando se trata de um diálogo como é o caso entre Jesus e o doutor da lei. O texto traz a pergunta do doutor da lei com a nota de que ele queria "experimentar a Jesus", ou seja, testá-lo. Em seguida, não temos uma resposta de Jesus como seria o esperado e sim uma contra pergunta dupla: "Que está escrito na Lei? Como lês?" Na sequência, temos a resposta do doutor da lei e, por fim, a reposta de Jesus que avalia o conhecimento do sábio e diz o que ele deve fazer para "ganhar a vida eterna".

As perguntas de Jesus ao doutor da lei são fundamentais, pois não basta saber o que está literalmente escrito, é necessário saber interpretá-las. O "como lês" é o que chamamos aqui de critério hermenêutico da leitura da Escritura e é essencial para a intepretação de qualquer texto. Quanto à materialidade do texto, tudo indica que Jesus não tinha a menor dúvida de que era conhecido pelo doutor da lei, um dos sábios e entendidos, mas sua capacidade de interpretação da mensagem divina, ali atestada, ainda precisava ser experimentada. A fala final de Jesus revela que do ponto de vista do conhecimento, tanto da materialidade do escrito quanto da interpretação, a compreensão do doutor da lei estava correta.

2 O leitor popular da Bíblia: a experiência de leitura nos círculos bíblicos

Uma vez assegurado o critério interpretativo da Escritura, presente nela mesma, podemos refletir um pouco sobre a experiência de leitura dos círculos bíblicos, uma vez que neles os leitores e intérpretes do texto bíblico são, em geral, de cultura popular.

A leitura realizada em círculos bíblicos tem o diferencial de, à primeira vista, não ter um método rigoroso e se dá em plena liberdade. A bem da verdade, isso não é uma visão de todo correta. A liberdade é a marca desse tipo de encontro e de

leitura, mas isso não significa ausência de método ou de critérios para a leitura. O diferencial encontra-se na dinâmica que move a leitura, ou seja, o papel exercido pelo leitor do texto sagrado. Esse leitor não tem nenhuma formação acadêmica de análise de texto, apenas sua própria experiência de vida que leva para o encontro com o texto bíblico.

Aqui se encontra o critério único e determinante da leitura popular da Bíblia, ou seja, o encontro dos dois mundos: o do texto e do leitor (RICOEUR, 2005). A história mesma do nascimento dos círculos bíblicos revela essa relação intrínseca entre o mundo do leitor e o mundo do texto. Tereza Cavalcanti, ao fazer um recorrido histórico do surgimento da leitura popular da Bíblia, diz:

> A leitura popular da Bíblia se desenvolve mais especialmente a partir dos anos 70, paralelamente ao surgimento das Comunidades Eclesiais de Base. No início, tratava-se simplesmente das leituras de cada domingo na liturgia que substituía a eucaristia, lá onde o padre não podia comparecer. [...] Pouco a pouco as pessoas começaram a se reunir para comentar os textos e ver como eles podiam iluminar a vida cotidiana. Assim nasceram os primeiros círculos bíblicos. Depois eles passaram a se articular nas paróquias e dioceses, independentemente das liturgias dominicais, pelo simples desejo das pessoas de conhecer e entender melhor a Bíblia. (CAVALCANTI, 2011, P. 77-78)[5]

Com William Zanardi (2006), entendemos que toda exegese supõe uma *eixegese*[6], de modo que não só a Escritura ilumina a vida de seu leitor como também o texto ganha vida nova cada vez que é iluminado pela experiência de vida dos seus leitores.

Retomando a consideração da leitura popular nos círculos bíblicos podemos perceber mais um aspecto metodológico da leitura popular, ela é feita em comunidade de fé. Não é uma leitura intimista e individualista e sim uma leitura comunitária e, consequentemente, engajada.[7] Nesse sentido, o método da leitura

[5] Quem também retoma esse fato em sua consideração da leitura bíblica depois da *Dei Verbum* é DA SILVA, Cássio Murilo Dias. O impulso bíblico no Concílio: a Bíblia na Igreja depois da Dei Verbum. **Teocomunicação**, v. 36, n. 151, 2006, p. 40.

[6] O termo *eixegese* é cunhado com a preposição grega *eis* que tem o sentido de movimento de entrada. Nesse sentido, o leitor leva algo de seu mundo para o texto do mesmo modo que a exegese supõe a saída de algo do texto para o leitor.

[7] O método de leitura popular da Bíblia foi descrito por Tereza Cavalcanti no artigo citado antes a partir dos encontros de Círculos Bíblicos que, por sua vez, está didaticamente expresso na obra CARDOSO Pereira, Nancy; MESTERS, Carlos, **A leitura popular da bíblia**: à procura da moeda perdida.

popular da Bíblia se aproxima bastante do método desenvolvido pela Teologia Latino-americana da Libertação o conhecido "ver – julgar – agir", pois após o movimento comunitário de oração, leitura, meditação e partilha, caminha-se para um posicionar-se a partir da inspiração do texto sagrado frente ao contexto social no qual o grupo está inserido.

Esse ler a Escritura em comunidade aproxima os cristãos dos nossos antepassados na fé, os judeus, pois entre eles há o costume de ler/estudar a Escritura todos os dias, porém essa leitura não pode ser feita individualmente e sim acompanhada por outro judeu; sempre deve ter ao menos outro companheiro(a) de leitura. Isso aponta para o fato de que o texto sagrado, por ser um texto que nasce numa comunidade de fé e se torna normativo para ela, deve encontrar nessa mesma comunidade, povo fiel, o discernimento dos limites na hora de interpretar o texto com o auxílio do Espírito Santo.

3 Os métodos narrativos de leitura e o leitor popular da Bíblia

Uma vez que consideramos o critério interpretativo de Lc 10,26 que nos aponta para o modo de leitura, o "como lês?" do doutor da lei, e refletimos sobre como os fiéis comuns leem, portanto, interpretam o texto bíblico a partir de suas experiências, nos encontros de Círculos Bíblicos, passamos a ponderar sobre os métodos e abordagens de análise dos textos bíblicos que podem ser acessíveis a quem faz a leitura popular da Bíblia.

Nessa linha, é necessário reconhecer que os métodos e abordagens, vistos a partir do rigor analítico, estão distantes do leitor comum da Bíblia. No entanto, em sua pura intuição, e pela condução do Espírito, esses leitores se apropriam de aspectos do método narrativo e da leitura pragmática. Ambos os métodos são rigorosíssimos, principalmente o segundo. O método narrativo foi didaticamente apresentado por Daniel Marguerat e Yvan Bourquin na obra intitulada "*La Bible se raconte: initiation à l'analyse narrative*"[8] e a pragmática linguística encontra uma

São Leopoldo, CEBI, 1994. (Série A Palavra na Vida, n. 73). Aqui, mais que retomar os roteiros dos Círculos Bíblicos, interessa-nos destacar alguns elementos metodológicos da leitura popular.

[8] Essa obra foi originalmente escrita em francês, mas como tive acesso também no idioma espanhol que é mais acessível aos nossos leitores, optei por citá-lo nesta tradução. Cf. MARGUERAT, Daniel;

apresentação igualmente didática na pequena obra de Graciela Reyes intitulada "*El abecé de la pragamática*"[9].

Aqui, queremos destacar alguns pontos dos métodos que encontramos na leitura livre e intuitiva da leitura popular. Começamos com o esquema narrativo quinário exposto por Marguerat e Bourquin (2000, p. 71). Os autores apresentam os seguintes passos: situação, desenvolvimento (apresentação de um problema ou dificuldade), ação transformadora, desfecho (resolução do problema ou dificuldade), situação final. Só essa avaliação do movimento da narrativa já nos indica que, em textos narrativos, o leitor comum consegue perceber numa leitura atenta esses passos. Claro que existe um nível mais aprofundado, acessível a estudiosos da área que tornam essa leitura muito mais rigorosa no sentido de uma percepção mais ampla dos detalhes. O leitor do texto narrativo também é capaz de perceber o ponto de vista do narrador, se é favorável ou desfavorável à determinada personagem pelos comentários que faz no texto.

Quanto à abordagem comumente nomeada, no Brasil, pragmalinguística, chamamos a atenção para um único ponto: os dêiticos de pessoa. Os dêiticos, dentro da pragmática, correspondem a alguns termos que não têm sentido senão dentro de um contexto. Os dêiticos são pronomes pessoais, que identificam os participantes do ato comunicativo; também os advérbios de tempo e de lugar tais como "aqui, ali, agora, ontem"; pronomes demonstrativos e possessivos e os tempos verbais, que relacionam a ação do verbo com um tempo medido a partir do falante. (REYES, 2017, p. 16)

Esses termos, os dêiticos, são importantes e perceptíveis ao leitor popular. Normalmente, eles marcam o lugar dos personagens dentro das narrativas quando referidos a outros personagens, espaços e tempos. Para que isso fique claro, tomamos como exemplo o famoso texto do pai misericordioso de Lc 15,11-32. Com esse texto, queremos chamar a atenção para os dêiticos de pessoa, ou seja, os termos que revelam a proximidade ou distância entre os personagens a partir do ato de fala deles.

BOURQUIN, Yvan, **Cómo leer los relatos biblicos**: iniciación al análisis narrativo, Bilbao: Sal Terrae, 2000.

[9] REYES, Graciela, **El abecé de la pragmática**, 10a edición. Madrid: Arco Libros, 2017.

No v. 24, o narrador apresenta o filho mais velho que volta do campo e ao se aproximar de casa percebe a festa, se recusa a entrar. Ele pergunta a um dos empregados o que está acontecendo. A resposta do empregado tenta aproximar o irmão mais velho do mais novo ao dizer: "É **teu** irmão...". No entanto, o irmão mais velho recusa essa proximidade e não apenas pelo fato de não entrar na festa. Quando o pai vai ao seu encontro e tenta convencê-lo, responde: "Eu trabalho para ti há tantos anos, jamais desobedeci a qualquer ordem tua. E nunca me deste um cabrito para eu festejar com meus amigos. Mas, quando chegou **esse teu filho**, que esbanjou teus bens com as prostitutas, matas para **ele** o novilho gordo". Todos esses termos negritados revelam que o irmão mais velho não reconhece nem aceita o mais novo como irmão. O mais novo é um "**ele**" distante ou o "**teu filho**" em relação ao pai, mas sem qualquer proximidade consigo. O texto encerra com a fala do pai que aproxima os dois irmãos: "Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas, era preciso festejar e alegrar-nos, porque **este teu irmão** estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado".

Ora, sabemos que essas descrições mais técnicas não dizem muito, ou não dizem nada, para o leitor popular da Bíblia, mas isso não os impede de perceber a relação de tensão e de distanciamento ou proximidade que os personagens revelam a partir de suas falas. Não é porque o leitor popular não sabe esquematizar um texto narrativo detalhadamente que ele não percebe o desenvolvimento das narrativas.

Considerações finais

Depois de termos feito esse percurso, cabe-nos apenas sintetizar alguns aspectos para que nosso ouvinte/leitor não fique com a sensação de que mudamos de assunto ao longo de nossa exposição. Partimos do critério interpretativo, ou critério hermenêutico, que Lucas testemunha em 10,26 ao colocar na boca de Jesus as questões "Que está escrito na lei? Como lês?". Com isso, assegura-se a necessidade imperativa de interpretação dos textos, pois não basta conhecer o texto em sua materialidade. Ainda, a própria Escritura coloca seu leitor/intérprete em guarda contra uma leitura fundamentalista do texto sagrado.

Tendo o critério hermenêutico sido assegurado, passamos a considerar o exercício interpretativo dos textos nas experiências de leitura popular dos círculos bíblicos, demonstrando que não é porque não se segue um rigor metodológico acadêmico que não existe uma metodologia na leitura popular. E, por fim, apresentamos alguns aspectos dos métodos de análise de textos bíblicos narrativos que encontramos na leitura popular, ainda que não se use os mesmos termos técnicos nem uma demonstração dos passos seguidos nesses estudos. Enfim, a leitura popular não é menos inspirada nem menos rica que a leitura acadêmica.

Referências

BOVON, François. **El evangelio segun San Lucas: Lc 9,51-14,35**. Salamanca: Sígueme, 2002.

CAVALCANTI, Tereza Maria Pompéia. A leitura popular da Bíblia e a V Conferência do CELAM. **Atualidade Teológica**, v. 11, n. 25, P. 76-103, 2011.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (Org.). **Bíblia Sagrada**. São Paulo, SP : Aparecida, SP : Petrópolis, RJ: Editora Ave Maria : Edições Loyola : Editora Salesiana : Paulus : Paulinas ; Editora Santuário ; Editora Vozes, 2001.

DA SILVA, Cássio Murilo Dias. O impulso bíblico no Concílio: a Bíblia na Igreja depois da Dei Verbum. **Teocomunicação**, v. 36, n. 151, p. 25-52, 2006.

FITZMYER, Joseph A. **El Evangelio según Lucas**. Madrid: Cristiandad, 1986.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. **Cómo leer los relatos bíblicos:** iniciación al análisis narrativo. Bilbao: Sal Terrae, 2000.

REYES, Graciela. **El abecé de la pragmática**. Madrid: Arco Libros, 2017. (Cuadernos de lengua espanola, 23).

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Loyola, 2005.

ZANARDI, William J. Fabricating Facts: How Exegesis Presupposes Eisegesis. **Journal of Macrodynamic Analysis**, n. 3, p. 250-263, 2003. Acessível em *http://www.mun.ca/jmda/vol3/zanardi.pdf*